
HOMENAGEM







ABAHIA VISTA POR CARYBÉ (1911-1997)

Matilde Matos*

Participar de homenagem a Carybé é obrigação feita com devoção, pelo que a obra desse grande artista representa. Acrescento aos comentários atuais, alguns que escrevi para o *Jornal da Bahia* entre os anos 60 e 90, agraciados pelas palavras do artista proferidas em entrevistas, e opiniões de alguns amigos mais ligados a ele. De grande penetração no exterior pela expressividade do seu estilo original, realçado na qualidade da técnica, a arte de Carybé adquiriu significado maior ao exaltar a nossa herança racial, conquistando a admiração geral da nossa gente.

Origem

Hector Julio Paride Bernabó, que se tornou famoso com o nome de Carybé, nasceu a 9 de fevereiro de 1911, “num dia de chuva miúda e tão perto da meia-noite que não se sabe ao certo se nasci no dia que nasci ou no anterior”. Nasceu em Lanus, “espécie de subúrbio de Buenos Aires que tem o Riachuelo no meio: aquele mesmo rio da famosa batalha separa Buenos Aires de Lanus, dormitório de pistoleiros e guarda-costas de póliticos”.

Pai cigano, não de galera e bastão, de alma, andou pela Argentina, Venezuela, Itália, Brasil. Carybé tinha seis meses quando a família foi para a Itália, onde ficaram nove anos. Em 1920 passaram a viver no

* Crítica de arte, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte

Rio, em Bonsucesso. “Como estudante sempre fui ruim e tomei carinho às árvores, campinas, às praias, ao sol e à vagabundagem”. Quando ele completou 19 anos, retornaram à Argentina para ficar. Fala as três línguas de infância sem sotaque.

Aprendeu a desenhar em casa, vendo os irmãos mais velhos Arnaldo e Roberto que eram desenhistas, pintavam, esculpiam e trabalhavam em publicidade. Aos 21 anos Carybé começou a desenhar. Fazia cartuns, charges, ilustrações e escrevia - texto conciso, exato e bem humorado - tendo colaborado com diversos jornais e revistas de Buenos Aires e do Rio. “No início tinha um desenho comum, sem nada de especial. Como acho que todo mundo faz no começo de carreira, tive influência de outro artista: fiz desenho à moda de Grosz (famoso artista gráfico alemão radicado em Buenos Aires, dono de um desenho cáustico e irônico), que mudou-se para Nova York e foi absorvido pela ‘jungle’, nunca mais fez nada. Comi e digeri Grosz. Dele saí eu, como, não sei”. Mas olhando um desenho de Carybé daquela época e comparando-o ao de Grosz, vemos que o único ponto em comum é o olho para o detalhe. Naqueles primeiros desenhos já se percebia a marca pessoal do seu estilo.

De cartunista resolveu passar às tintas e pincéis e em 1936 fez sua primeira exposição. Senhor de muitas andanças e vivências, fez de quase tudo, foi inclusive estivador e pandeirista no grupo que acompanhava Carmem Miranda, fato que seu amigo e colega Mirabeau Sampaio sempre pôs em dúvida.

Bahia para sempre

A primeira vez que veio à Bahia foi em 1938 e em 1950 voltou para ficar.

Por que a Bahia? “Porque gostei. Procurei pra burro na América do Sul (o México eu ainda não conhecia) e encontrei o Peru e a Bolívia, que como aqui, são lugares de caldeamento, mas todos dois são muito fechados, muito sérios. A Bahia é alegre e por isso a escolhi”.

Em 1951 Odorico Tavares publicava reportagem na revista *O Cruzeiro*, com fotos de Pierre Verger, intitulada “Revolução na Bahia – O Movimento que Renovou as Artes Plásticas Brasileiras”, e o crítico

de arte Geraldo Ferraz, no *Correio da Manhã*, falava do grande movimento artístico baiano, liderado por Mário Cravo, com Carybé, Jenner Augusto, Genaro, Carlos Bastos, Poty, Rubem Valentim, Maria Célia Amado, destacando os grandes murais que começavam a enfeitar os novos prédios, e a arquitetura e murais do Hotel da Bahia — fulcro do histórico movimento que introduziu o modernismo na Bahia no começo dos anos 50, quando os artistas da famosa Geração 45 ali se reuniam. Carybé relembrou:

Ninguém sabia que estava movimentando nada, não, estava todo mundo trabalhando com entusiasmo. O cadinho mesmo foi o atelier de Mario, ali onde hoje é o Hotel da Barra. Todos éramos amigos, conversávamos muito, mas cada um trabalhava para o seu lado. A vinda de Mario dos Estados Unidos coincidiu com a de Carlos Bastos e Genaro da Europa. Poty e eu vínhamos do Sul. Depois coincidiu também que havia um grupo de arquitetos muito bons: Levi Smarschewski, Rebouças, Heitor Santana, que era calculista mas se interessava muito. Empurrando o carro estavam Odorico e José Valladares e também tudo aconteceu no governo do velho Mangaba (Otávio Mangabeira), com Anísio Teixeira à frente da Secretaria de Educação e na Reitoria o Magnífico Edgard Santos. Conseguimos assim fazer obras públicas, murais. Foi quando Genaro fez o mural do Hotel da Bahia, que pela sua própria arquitetura chamou muita atenção na época. O público comentava às vezes meio estranhado, mas não houve agressão nem mal estar.

.Numa *flash*-entrevista de 1962 para a “Revista de Domingo” do *Jornal da Bahia*, respondia assim:

Linha de trabalho – Pintor.

O que mais gostaria de fazer – Pintar.

Mola mestra – Não sei não, sabe?

Ponto vulnerável – Tenho vários, mas não digo não.

Qualidade mais paradoxal – Qualidade eu não acho nenhuma não, nem paradoxal.

Seu forte – Jogo de xadrez, roubar santo de Mirabeau.

Seu fraco – Eu sou todo fraco, tenho fraco por tudo que é canto.

Ponto de ebulição – Mau humor dos outros me enche. E tempo nublado também.

O remédio – Vagabundar, ir a antiquário, casa de amigo.
Superstição que persiste – Todas, sou supersticioso pra cachorro. Até chinelo emborcado que vejo, eu vou e endireito.
Temor infundado – Da guerra atômica.
Meta – A cova, que é a de todo mundo. Até lá vou pelejando, fingindo que a meta não é essa.
Satisfação secreta – Ter uma rede no estúdio e não é secreta, é uma grande satisfação.

O Artista e o Homem

Artistas há muitos, mas raras são as pessoas predestinadas a cumprir alguma missão muito importante, que venha mudar preconceitos e atitudes. Carybé foi uma delas e a arte foi o seu meio de expressão. Se as qualidades do seu poderoso estilo original e inconfundível eternizaram a sua arte, amplamente reconhecidas pelo mundo afora como atestam as centenas de murais, participações em bienais e trabalhos em museus das mais importantes capitais do Primeiro Mundo, o alcance da sua obra para os baianos, como o de Jorge Amado na literatura e Caymmi na música, extrapola a própria arte.

Carybé expressou na linguagem plástica os costumes, os ofícios, as crenças e os folguedos do povo baiano, exaltando neles a beleza e dignidade da raça negra, como nenhum artista baiano jamais fizera. A simbiose perfeita do artista com a nossa cidade e nossa gente, vem assim resumida pelo cronista Rubem Braga — seu grande amigo e um dos responsáveis por sua permanência em Salvador: “Carybé não se inspira na Bahia, parece que é a Bahia que se inspira em Carybé. Há coisa de uma semana, ao ir à Bahia, me surpreendi diante de alguma cena popular, a imaginar se aquela gente não estava imitando os desenhos de Carybé”.¹

¹ Citado na apresentação que Rubem Braga fez para o álbum de Carybé, *Cipó: Usos e Costumes*, Salvador, BASF Química da Bahia, 1981. Neste álbum estão pranchas das aquarelas que o artista produziu na cidade de Cipó, famosa como estação de água, onde fora tratar da alergia nas mãos provocada pela tinta a óleo. Aquelas 50 aquarelas estão seguramente entre as melhores que ele criou.

Outro grande amigo, o artista plástico Mirabeau Sampaio, na sua típica maneira exagerada de se expressar, antevia o começo de um tardio reconhecimento aos negros, a partir da arte exemplar que Carybé apresentava: “Nasci e me criei aqui em Salvador e posso lhe afirmar: na Bahia, não existia um negro, era coisa que ninguém tinha visto aqui, até a chegada de Carybé”.²

Separar o artista do homem é impossível. Em Carybé, arte e vida são uma coisa só, regidas pela simplicidade e autenticidade, a partir do motivo amplo, inesgotável e estuante de humanidade que escolheu como fonte de tudo que criou na arte. Seu motivo é a vida, representada pela gente do povo da Bahia. É a vivência desses homens, mulheres e crianças, na variedade de seus próprios ambientes, que Carybé leva o espectador a conhecer, mostrando como são e como vivem, trabalham, amam, se divertem ou fazem suas devoções. Nunca se interessou pela vida ou pelos hábitos das classes elevadas. O que o atraía era a afabilidade do homem do povo que conheceu de perto.

Carybé colocava assim o seu propósito na arte: “O que eu buscava retratar, como o que eu busco até hoje, é o meu trânsito por esse mundo, minha estadia nesse vale de alegria”.

José Cláudio da Silva, destacado artista e escritor pernambucano que no início da sua carreira foi aprendiz e colaborador do artista, trabalhando com ele no atelier e acompanhando-o nas andanças pelo interior, diz: “Para Carybé, popular significa atual, vida se fazendo, vida sendo vivida, vida que tem o que dar e está desabrochando em mil surpresas, todos os instantes, o contrário do intelectualismo estéril, por isso, um dos primeiros lugares que visita em qualquer cidade são as feiras e mercados. Só depois é que vai aos museus”.

O Desenho

A arte maior de Carybé era o seu desenho, guiado por uma privilegiada percepção visual e apurado numa síntese absoluta, conforme pode ser

² Declaração reproduzida no livro *Carybé*, Salvador, Odebrecht, 1989, seguramente um dos melhores livros de arte editados no Brasil.

visto nas páginas deste número de *Afro-Ásia*. Em dois ou três traços essenciais mostrava um gesto, um jeito especial do povo baiano de sentar, de deitar, de levantar os braços, de se apoiar nas costas com uma perna dobrada, a sola do pé de encontro ao muro. Muitas vezes dava-se ao luxo de usar o espaço branco não completando o desenho, e as linhas inacabadas eram o suficiente para se imaginar a que faltava. Nunca se baseava em fotografias ou modelos, só desenhava de memória e “só me lembro do que é importante, o que não me lembro é porque não precisava”, numa síntese incomparável. O seu desenho já nasceu como a síntese de quem vai ao âmago das coisas, qualidade assegurada na pintura, escultura ou qualquer outra das várias técnicas que dominou.

A mesma percepção que Jorge Amado tinha para a maneira de falar do nosso povo, Carybé teve para o visual. Os sentidos colaboravam com o olho perspicaz, atento a tudo que se relaciona aos afazeres da nossa gente, e no papel, na tela, na madeira ou na pedra, deixou documentados a cara e o jeito do baiano. Do pescador ao vaqueiro do sertão, do feirante ao capoeirista, no desenho, na pintura ou nos entalhes, estavam todos lá, na elegância natural de sua autenticidade. O artista ressaltava sempre a expressão corporal dos motivos, responsável por uma infinidade de informações. Nunca desenhava os traços exatos do rosto mas se reconhecia seus aspectos físicos, se sabia de suas índoles e intenções.

A Pintura

Na pintura, sua intenção passava clara no clima especial que criava para cada quadro. Passadas algumas dezenas de anos, posso lembrar perfeitamente várias das telas de Carybé que vi então, exemplificando com a de um baba de meninos na praia. Sem qualquer outra indicação além das cores e da luz mágica que o artista pintara em torno deles, o espectador sabia que o sol acabara de mergulhar no mar, deixando um resto de claridade, chegando a sentir a temperatura e o cheiro naquele lusco-fusco onde se misturavam vento, neblina e maresia.

Nunca vi Carybé se preocupar se o estilo do momento era o abstracionismo, o geométrico ou o hiper-realismo, mas soube utilizar na pintura os recursos de vários estilos que se sucederam no século XX.

Podia fazer seu impressionismo particular num céu ameaçando chuva, e pura abstração no verde/azul do mar em seus diversos tons.

Em 1971, na abertura da entrevista “Carybé e o Naturalismo Fantástico Latino Americano”, que fiz para o *Jornal da Bahia*, chamava atenção para a atmosfera meio mágica que a sua pintura assumira. Escrevi então que a visão romântica vigente na arte do começo do século XX, otimista, defendendo a liberdade individual e a vida em contato com a natureza, com o sentimento e a emoção prevalecendo sobre a razão, fora definitivamente enterrada nas duas grandes guerras. As tensões que a mudança do ritmo, acelerado pelas novas descobertas, provocavam no comportamento do homem moderno, faziam-se visíveis na arte exacerbada do expressionismo, que prevaleceu em quase todos os estilos do século.

Foram os jovens, as mulheres e os negros que, revoltando-se contra os preconceitos estabelecidos num comportamento moral estratificado, empreenderam suas lutas nos conturbados anos 60 para reformular conceitos, retomando alguns que o romantismo defendia. A ressurreição do romantismo em termos mais lúcidos e menos otimistas no *flower power* dos 60 foi tanto uma reação natural à massificação, como uma necessidade quase que de sobrevivência.

O homem percebeu o erro em se desligar da natureza e procurou reencontrar o que perdera em lugares como a América Latina. A literatura deste mundo ainda em parte tradicional, cheio de lendas e superstições de natureza fantástica, a ponto de não se saber onde acaba o real e entra o imaginado, aparecia como um milagre. Esse realismo fantástico que no Brasil começou com Mário de Andrade, teve em Guimarães Rosa, Glauber Rocha, Carybé, alguns dos seus seguidores.

Carybé foi o artista que olhou, observou, entendeu e curtiu a América Latina e todo o seu mistério. Foi o artista que respeitou suas origens e no seu trabalho deu uma dignidade especial aos negros, aos índios, a pessoas humildes, sejam quais fossem as situações em que os colocava, e nunca se desviou do seu caminho para ingressar em movimentos artísticos e pretensas vanguardas.

Um daqueles raros artistas que não se classifica e atravessa qualquer fase pela força do seu estilo e pela sua autenticidade, a evolução

da arte de Carybé aconteceu dentro do seu estilo particular. Quem quiser comparar um quadro seu dos anos 40 a um dos anos 70, vai ver como os detalhes chegaram a um mínimo essencial, a técnica do *dripping* e as manchas substituíram as sombras, quando não usou o contraste claro/escuro das formas e fundo. O artista nunca se interessou em fazer o abstracionismo, quando ele se generalizou no mundo, e se essas suas telas nos remetem ao realismo fantástico é porque, como Mário de Andrade, se antecedeu a outros que no início dos anos 70 tanto nas letras como nas artes, vinham beber na mesma fonte. Não foi a toa que, em 1940, ele ilustrou *Macunaíma*, e foi o artista escolhido no Brasil para ilustrar Garcia Marques. Foram irmãos do mesmo sangue, da mesma corrente e falaram a mesma linguagem. Olharam com sensibilidade e equilíbrio o drama circundante, acrescentando-lhe o sentido irreal e poético do fantástico.

As mulheres tiveram lugar especial na sua predileção, seguidas das crianças e alguns animais como os cavalos, o cachorro, galos e pássaros, e foi essa vida que ele captou de modo tão singular. Entre os anos 70 e 80 foi acrescentando aos tons suaves cores mais fortes, o claro/escuro das figuras e fundo diminuiu surgindo texturas relacionadas ao motivo, as manchas substituíram as sombras, as formas de pessoas e bichos tornaram-se compactas, algumas até antropomórficas, envoltas numa atmosfera fantástica que nas artes plásticas do final dos 80 entrava como um neo-expressionismo, no realismo cortante da transvanguarda.

Exposições

A evolução do trabalho de um artista pode ser melhor aquilatada numa retrospectiva. Em 1989, seguindo sua tradição de encerrar o ano com uma mostra muito importante, Paulo Darzé, do Escritório de Arte da Bahia, trouxe parte da mostra retrospectiva que Valdemar Szaniecki fizera no MASP, quando sua ‘A Galeria’ de S. Paulo completou 22 anos, ocasião em que declarou:

Escolhi Carybé porque é um artista com quem trabalho há 25 anos, um homem totalmente desvinculado de ambições financeiri-

ras, que trabalha exclusivamente voltado para a sua criação e que curte a natureza, o ser humano, seus amigos. Sobretudo é um homem que você sente que fala a verdade quando diz que não quer ficar como um mito, mas como um artista que documentou a sua época, o que inegavelmente ele faz tão bem quanto um Rugendas ou um Debret.

Na exposição baiana foi lançado o livro *Carybé*, através do qual se pode sempre ver a evolução do trabalho do artista. A entrega do livro foi feita numa cerimônia muito simples, como era do gosto dele. “Waldemar e Darzé é que ficam fazendo este estardalhaço todo, me fazendo sentir um ator de TV e eu fico morrendo de vergonha”, disse Carybé, merecedor de toda a pompa e circunstância que envolveu o vernissage.

Há mudanças perceptíveis na pintura de Carybé, maior nos quadros de 1989 (a mostra apresentou também trabalhos de 1984 a 87 que Waldemar disse ter levado três anos para reunir). “Cavaleiros da Noite”, com os três homens chegando nos seus cavalos, as mulheres se banhando num regato, a vegetação em volta, tudo envolto nas cores e no mistério da noite, tem poderosa carga de magia e presságios que não havia nos trabalhos mais antigos.

A sensualidade que sempre acompanhou sua pintura, se acentua mais nas mulheres nas redes da mostra de 1989, onde o artista exhibe seus corpos nus em contraste com a geometria dos ângulos das próprias redes, e do encontro dos traços verticais da parede de palha com as horizontais do chão e o teto, acentuado nas cores duplas e linhas retas. Carybé joga com a geometria, sem prejuízo do seu estilo inconfundível que se mantém intacto.

Em ‘Temporal’ e ‘O Vento’, o naturalismo fantástico vem do céu que de repente vira chumbo e a água começa a cair, numa chuva enviesada pegando as pessoas desprevenidas. Os cavalos abaixam as cabeças, as pessoas saem em disparada e o espectador começa a sentir os pingos caindo na pele, o cheiro da chuva, e chega a ouvir os trovões.

Em 1994 Carybé fez outra grande exposição em Salvador, para inaugurar o novo espaço do Escritório de Arte. Essa mostra impressionante transmitia a força do compromisso deste artista, há mais de meio século se dedicando à sua aspiração estética particular, para ele quase

uma missão: a de pintar nossa gente sem jamais perder a marca registrada do seu estilo. Isto chegava a confundir os desavisados, que não percebiam como sua pintura evoluíra no tempo.

Naqueles quadros dos últimos quatro anos podia-se ver o pintor no apogeu de sua carreira, mais solto e mais cru. Seu desenho gráfico ganhava formas compactas esculturais e ele buscava nas figuras um valor mais profundo. Criou para cada quadro o clima que o motivo pedia, variando as nuances, e a natureza foi usada para espelhar seu sentimento. Tudo na composição – uma esteira, as tábuas do teto, umas varas cruzadas ou vãos de escada – era motivo para realçar o apelo poético da sua interpretação, enquanto a crueza expressa no cachorro enraivecido, na briga de galos, na carne exposta em “Os Magarefes”, falava de tempos menos amenos.

Murais e painéis

Seus murais e painéis, perto de uma centena, alcançaram enorme destaque no Brasil e no exterior: Europa (Londres), África (Lagos) e Bahia. Carybé unia à criatividade a qualidade, nas várias técnicas que dominou com segurança — têmpera, encaústica fria e a fogo, cerâmica, mosaico, madeira, pedra, metal. Tremendo trabalhador braçal, enfrentou o porte monumental de vários painéis e murais com entusiasmo, muitas vezes com prejuízo da própria saúde, porque “me sinto feliz em poder chegar assim ao povo”. Os painéis adornam aeroporto, hotel, banco, memorial ou simplesmente estão na rua onde os passantes podem ver a sua arte.

No aeroporto J. F. Kennedy, de Nova York, fez dois painéis de 18 por 6 metros, mostrando as danças nas três Américas, pintadas a óleo sobre telas de linho, aplicadas sobre placas metálicas recobertas de massa, para resistirem impávidas à vibração constante dos jatos. Neles aplicou moedas de prata mexicana, madrepérola, mosaicos e espelhos, trabalhando as tintas com folhas de ouro e prata, num resultado alegre “para distrair as pessoas que vão viajar e têm medo, como eu sempre tenho”.

No Hotel Nacional, projetado por Niemeyer na Barra da Tijuca, criou um mural de 55 por 3 metros e na Rua Chile, em Salvador, fez para

o edifício Bráulio Xavier um painel em concreto, usando formas de madeira, mesma técnica que usou no da antiga fábrica Willys de Recife, que mede 21 por 5 metros. O mural do Memorial da América Latina, em S. Paulo, foi dos últimos de grande porte que fez, em 1988.

Confirmando o amor pela Bahia, sua obra-prima é sem dúvida o famoso Mural dos Orixás, em madeira, feito sob encomenda para o Banco da Bahia, exposto em 1971 no Museu de Arte Moderna do Rio, acompanhado de fotos dos seus murais mais importantes, na mostra “Arte Mural de Carybé”, que percorreu o país de norte a sul.³ Em São Paulo Carybé teve três mostras simultâneas: a dos murais no MASP, uma sala especial na Bienal e uma exposição individual de óleos em “A Galeria”.

A outra obra que engrandece Salvador e grava definitivamente sua lembrança no coração dos baianos, são as magníficas grades com aquele portão majestoso tendo como fundo o mar, no Museu de Arte Moderna da Bahia, e as que cercam o jardim da Piedade, ambas de 1997. Foi o último trabalho de Carybé que, já doente de enfisema pulmonar, num esforço de Hércules, conseguiu terminar. As do Campo Grande ele não chegou a ver.

Sobre sua arte, numa das entrevistas que me deu, Carybé declarou:

A sintetização natural que aconteceu no meu trabalho, foi talvez pelo fato de que não desenho do natural, apóio-me na memória visual e esta só retém o essencial, o resto ela elimina. O mágico está nas coisas: num vestido vermelho, dentro do mar, na espuma, no pêlo de um cavalo, às vezes numa forma ou numa cor também, mas que está por aí, está. Tem na América do Sul, em Nova York não tem, como em São Paulo também não. Em Buenos Aires não, a não ser nos subúrbios. É um estágio da civilização, quando chega a potência do progresso, acaba com tudo, a magia, o mistério.

Se vão conseguir um dia acabar com isto aqui na Bahia? Ah, conseguem. Por isso que me botam pra documentar candomblé,

³ O Mural dos Orixás se encontra atualmente exposto no Museu Afro-Brasileiro, do Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia, situado no Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador.

porque sabem que daqui a uns 15 anos não vai ter mais. Vai dar uma religião de samba fabulosa, mistura com Umbanda, Alan Kardec e aquelas coisas da Índia que os meninos de hoje querem trazer pra cá. Um pouco de ioga, um pouco de samba, a sacerdotisa vai ser quem rebola melhor. O grande mestre é o compositor da escola e os passistas serão os coroinhas, com chuva de farofa amarela, um negócio lindo.

Hoje já não se vai mais a um candomblé que não tenha um frade ou um padre. Daqui a pouco ele vai estar botando um pouquinho pra Exu. Mas enfim, essa magia de que falo não é a do candomblé mas a magia das coisas em lugares como o nosso, essa é que vai acabar e no seu lugar vai entrar uma outra assim feliniana, também muito bacana.

Com perto de uma centena de murais espalhados pelo mundo afora, quadros nos famosos museus de arte moderna de Nova York, San Francisco, Seattle, Washington, Lagos (Nigéria), Lisboa, Hamburgo, Tokyo, prêmios e salas especiais em bienais de São Paulo, trabalhos aceitos na Bienal de Veneza, exposições nas mais importantes capitais do mundo como Londres, Paris e Nova York, uma série enorme de livros ilustrados e três livros de sua autoria, Carybé era um homem simples, amigo das coisas simples. O único luxo que se dava era o de ter uma magnífica coleção de livros de arte e bons trabalhos de colegas seus, entre eles duas gravuras originais de Don Pablo Ruiz Picasso.

Brasileiro naturalizado desde 1957, em 1962 foi concedido a Carybé o título de Cidadão Baiano, “o que mais me emocionou até hoje”. Era pagão, “nunca fui batizado e me sinto desamparado e meio nu sem as minhas contas”, um colar de coral e outro de turquesas. Carybé era de Oxossi e de Aquário. Era também Oba do Axé Opô Afonjá, casa de Mãe Stella de Oxossi.

CRONOLOGIA DE UM ARTISTA*

1911

Hector Julio Paride de Bernabó – Carybé – nasce em 9 de Fevereiro, em Lanús, Província de Buenos Aires, filho de Constantina Gonzáles e Eneas Bernabó. Em Agosto, com seis meses de idade, segue com seus pais e os quatro irmãos — Arnaldo, Roberto, Zora e Delia — para a Itália, onde fica até os oito anos.

1919

Segue com a família para o Brasil, indo morar no bairro de Bonsucesso, Rio de Janeiro.

1927

Cursa a Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, que abandona no segundo ano.

1930

Retorna para Argentina e trabalha no jornal *Notícias Gráficas*, em Buenos Aires.

1935-36

Trabalha como desenhista no jornal *El Diálogo*, onde também está Julio Cortazar.

1938

Visita Salvador pela primeira vez, a serviço do jornal *Pregón*, que fecha durante sua estada na Bahia.

Como ajudante de foguista, percorre de navio várias cidades do litoral norte, chegando até Belém, de onde retorna ao Rio de Janeiro e depois a Buenos Aires.

1939

Exposição conjunta com o artista Clemente Moreau, no Museu Municipal de Belas Artes, em Buenos Aires.

Ilustração do livro *Macumba, Relatos de la Tierra Verde*, de Bernardo Kordon, Editorial Tiempo Nuestro, Buenos Aires.

1940

Ilustrações do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Junto com Raul Brie, traduz *Macunaíma* para o espanhol.

* Organizada segundo dados fornecidos pelo Núcleo de Arte do Desembanco e por Nancy Bernabó, Solange Bernabó e Maria Auxiliadora dos Santos Guimarães. Não foi possível identificar referências completas (local e editora) de todos os livros ilustrados por Carybé.

1941

Desenha o “Almanaque Esso”, cujo pagamento lhe permite fazer uma longa viagem, de Montevidéu a Corumbá, e em seguida Cuiabá, de onde segue de caminhão para os garimpos de Pochoréu, Lajeado e Cassununga. Daí vai para Uberaba, Juazeiro da Bahia e Salvador, onde passa alguns meses.

Visita com Maurício Costa o Norte e o Nordeste, passando por Juazeiro do Norte, Fortaleza, Belém, Manaus, alcançando a estrada de ferro Madeira-Mamoré até Guajaramirim. Embarca para Trinidad, seguindo até o Porto Sto. Antonio (Bolívia), de onde continua em caminhão para Cochabamba, Sucre e La paz. Daí regressa a Salta e finalmente a Buenos Aires.

1942

Ilustração do livro *La Carreta*, de Henrique Amorim, Editorial El Ateneo Buenos Aires.

1943

Primeira exposição individual, na Galeria Nordiska, Buenos Aires.

Primeiro prêmio do XXIX Salón de Acuarelistas y Grabadores, Buenos Aires.

Primeiro Prêmio da Camera Argentina del Libro, pela ilustração de *Juvenília*, de Miguel Carré, Buenos Aires.

Ilustração do livro *Maracatu, motivos típicos y carnavalescos*, de Newton Freitas, Editorial Pigmaleon, Buenos Aires.

Ilustração do livro *Luna Muerta*, de Manuel Castilho, Editorial Schapire, Buenos Aires.

Publica e ilustra “Me voy al Norte”, em *Libertad Creadora – Revista Trimestral*, nº 1, La Plata, Buenos Aires.

Ilustração do livro *Amores de Juventude*, de Casanova Caballero de Seiglat.

1944

Exposição individual no Consejo General de Educación, Salta, Argentina.

Ilustração do livro *Poesías Completas*, de Walt Whitman, Editorial Schapire, Buenos Aires.

Ilustração do livro *Los cuatro Gigantes del Alma*, de Mira y Lopez.

1945

Exposição individual “Amigos del Arte”, Salta, Argentina.

Exposição individual “Motivos de América”, Galeria Amauta, Buenos Aires

Exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil, patrocinada pelo Instituto do Brasil nos Estados Unidos, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe, Editorial Viau, Buenos Aires.

1946

Exposição coletiva “Desenhos de Artistas Argentinos”, Galeria Kraft, Buenos Aires.

Casa-se em 7 de maio com Nancy Colina Bailley, em Salta, Argentina.

Chega ao Rio de Janeiro e ajuda a montar o jornal *Tribuna da Imprensa*.

1947

Nasce seu filho Ramiro Bernabó, em 6 de maio.

Participa, junto com o artista Cesar Lopez Claro, de exposição na Galeria Kraft, em Buenos Aires.

Trabalha no jornal *O Diário Carioca*.

1948

Exposição coletiva “Artistas da Argentina”, Pan-American Union, Washington D.C.

Texto e ilustração para o livro *Ajtuss*, Ediciones Botella al Mar, Buenos Aires.

1949

Exposição conjunta com a artista Gertrudes Chale, Galeria Viau, Buenos Aires.

Participa do primeiro Salão de Belas Artes em Salvador.

1950

Exposição individual no Museu de Artes de São Paulo.

Exposição coletiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Convite do Secretário da Educação da Bahia, Anísio Teixeira, para trabalhar na Bahia, onde passa a residir.

Executa dois painéis para o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque).

Exposição individual na *boite* Anjo Azul, Salvador.

Participa do Segundo Salão Baiano de Belas Artes, Salvador.

1951

Participa do Terceiro Salão Baiano de Belas Artes, Salvador.

Texto e ilustração para o livro *Coleção Recôncavo*, Tipografia Beneditina, Bahia.

Ilustração do livro *Bahia, Imagens da Terra e do Povo*, de Odorico Tavares, Editora José Olympio, Rio de Janeiro. Este livro recebeu a Medalha de Ouro da I Bienal Internacional de Livros e Artes Gráficas.

Exposição individual na Secretaria de Educação, onde foi apresentado todo trabalho realizado em Salvador, até então.

1952

Exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Ilustração do livro *O Médio São Francisco*, de Wilson Lins, Editora Oxumarê, Salvador.

Desenhos, cenografia e direção artística para o filme “O Cangaceiro”, de Lima Barreto.

1953

Nasce sua filha Solange, em 28 de agosto.

Participa, juntamente com o artista Mario Cravo Junior, de exposição no Teatro Santa Isabel, Recife.

Participa da II Bienal de São Paulo.

Ilustração do livro *A Borboleta Amarela*, de Rubem Braga, Editora José Olympio, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Rosa da Noite*, de José Pedreira, Editora Manú.

1954

Medalha de Bronze do IV Salão de Belas Artes, Salvador.

Exposição individual na Galeria Oxumarê, Salvador.

1955

Primeiro Prêmio Nacional de Desenho, III Bienal de São Paulo.

Ilustração do livro *O Torço da Baiana*, Museu do Estado da Bahia.

Ilustração do livro *O Cavalo e a Rosa*, de Carlos Vasconcellos Maia, Progresso Editora, Salvador.

1956

Participa da XXVII Bienal di Venezia, Itália.

Coletiva “Artistas Modernos da Bahia”, Galeria Oxumarê, Salvador.

1957

Exposição individual na Galeria Bonino, Buenos Aires.

Exposição individual na Bodley Gallery, Nova York.

Isenção de Júri do VI Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Coletiva “Nós e as Artes Populares”, Galeria Oxumarê, Salvador.

Coletiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Águas-fortes, com desenhos originais do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, editado pela Sociedade dos 100 Bibliófilos do Brasil.

Naturaliza-se Brasileiro.

Visita os Estados Unidos pela primeira vez, a convite do Departamento de Estado, e permanece seis meses.

Confirmado Obá de Xangô do Terreiro Axé Opô Afonjá.

1958

Coletiva “Trabalhos de Artistas Brasileiros”, na Pan-American Union, Washington D.C.

Exposição individual na Bodley Gallery, Nova York.

Coletiva no The National Arts Club, Nova York.

Exposição individual “Works by Brazilian Artists”, no Museum of Modern Art of Nova York.

Coletiva na Pan-American Union of San Francisco, Estados Unidos.

Coletiva no Museum of San Francisco.

Ilustração do livro *As três Mulheres de Xangô*, de Zora Seljan, Editora G.R.D., Rio de Janeiro.

Viaja para o México, Guatemala e Peru.

1959

Coletiva “30th Internacional Exhibition”, Seattle Art Museum, Seattle (EUA).

Coletiva “Artistas Modernos da Bahia”, IV Colóquio Luso Brasileiro, Salvador.

Ilustração do livro *Cidade do Interior*, de Newton Braga, editado pelo Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Ali Babá y los 40 Ladrones*, Editorial Rola S.R.L., Buenos Aires.

Ilustração para o livro *Robson Crusóé*, edição infantil, Editorial Rola S.R.L., Buenos Aires.

Viagem à Bolívia, Estados Unidos (Nova York) e Canadá.

1960

Ganha o concurso da American Airlines para executar painéis no Aeroporto J. F. Kennedy .

Ilustração para o livro *The King of the Mountains*, de M. A. Jagandorf, M.A. & R. S. Boggs, The Vanguard Press Inc., Nova York.

1961

Sala Especial na VI Bienal de São Paulo.

Ilustração do livro *Carybé* – Coleção Mestres do Desenho, Editora Cultrix, São Paulo.

Ilustração do livro *Jubiabá*, de Jorge Amado, Editora Martins, São Paulo.

Viaja para Nova York a fim de executar os painéis da American Airlines no Aeroporto J. F. Kennedy.

1962

Exposição individual no Museu de Arte Moderna da Bahia.

Texto e ilustração para *As Sete Portas da Bahia*, Editora Record, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *A Aeromoça e Outras Novelas Regionais*, de Estácio de Lima, Fundação Gonçalo Moniz, Bahia.

Ilustração do livro *Ganga Zumba*, de João Felício dos Santos, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

1963

Exposição individual na Galeria Bonino, Rio de Janeiro.

Coletiva “Brazilian Contemporary Artists”, Nigerian Museum, Lagos (Nigéria).

Participa da VII Bienal Internacional de São Paulo.

Recebe o título de Cidadão da Cidade do Salvador.

1964

Coletiva “Exposição de Natal”, Galeria Querino, Salvador.

1965

Exposição individual, Galeria Bonino, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Brazilian Cookery*, de Margarette Andrade, Charles E. Tuttle Co., Rutland e Tóquio.

Ilustração do livro *A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*, Editora Raymundo de Castro Maia, Rio de Janeiro.

1966

Participa da I Bienal Nacional de Artes Plásticas, Salvador.

Coletiva “Artistas da Bahia”, Instituto de Cultura Hispânica, Madrid.

Coletiva patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Bagdá, Iraque.

Exposição individual na Galeria Astrea, São Paulo.

Coletiva “Desenhistas da Bahia”, Galeria Convivium, Salvador.

Texto e ilustração para *Olha o Boi*, Editora Cultrix, São Paulo.

Ilustração do livro *Bahia Boa Terra Bahia*, de Jorge Amado e Carybé, Editora Image, Rio de Janeiro.

1967

Coletiva junto ao XIX Congresso Brasileiro de Gastreenterologia, Salvador, Bahia.

Coletiva “Artistas da Bahia”, em A Galeria, São Paulo.

Exposição individual na Galeria Santa Rosa, Rio de Janeiro.

Recebe a Medalha Comemorativa de nascimento de Lauro Muller, no Grau de Comendador, Rio de Janeiro.

Recebe o Prêmio Odorico Tavares, “Melhor Artista Plástico de 1967”, do Governo do Estado da Bahia.

1968

Coletiva “Artistas Baianos”, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Art of Bahia”, na Harkness House.

Ilustração do livro *Capoeira Angola*, de Waldeloir Rego, Editora Itapoã, Bahia.

Ilustração do livro *Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel*, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

1969

Exposição individual, Embaixada do Brasil, Londres.

Coletiva na Galeria Panorama, Salvador.

Coletiva na Tryon Gallery, Londres.

Exposição Conjunta com os artistas Mario Cravo Junior e Carlos Bastos, Galeria Portal, São Paulo.

Ilustração do livro *Ninguém Escreve ao Coronel*, de Gabriel Garcia Márquez, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Brazilian*, de Fulvio Roiter, Editora Atlantid, Zurique, Suíça.

1970

Exposição individual, Galeria da Praça, Rio de Janeiro.

Coletiva “12 Artistas Contemporâneos Brasileiros”, Liverpool, Inglaterra.

Coletiva “Pintores da Bahia”, Galeria Marte 21, Rio de Janeiro.

Coletiva “Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo”, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Coletiva “Exposição de Natal”, Galeria Irlandin, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *O enterro do Diabo*, de Gabriel Garcia Márquez, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Os Funerais de Mamãe Grande*, de Gabriel Garcia Márquez, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Agôtime: Her Legend*, de Judith Gleason, Grosman Publishers, Nova York.

1971

Exposição Itinerante do Painel dos Orixás: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Assembléia Legislativa de Porto Alegre, Assembléia Legislativa de Florianópolis, Museu de Arte Moderna de Brasília, Biblioteca Pública de Curitiba e Casa de Cultura de Belo Horizonte.

Exposição individual, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Panorama de Arte Brasileira”, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sala Especial na XI Bienal de São Paulo.

Texto e ilustração em *Candomblé da Bahia*, Editora Brunner, São Paulo.

Ilustração do livro *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *A Casa Verde*, de Mario Vargas Llosa, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

Publicação de *Mural dos Orixás*, livro sobre o mural do mesmo nome do Banco da Bahia Investimentos S/A, com apresentação e texto de Jorge Amado e introdução de Waldeloir Rego.

1972

Exposição Itinerante do Painei dos Orixás.

Individual no Teatro Santa Isabel, Recife.

Individual no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Coletiva “Arte Baiana Hoje”, no Hotel Miramar, Recife.

Coletiva “50 Anos de Arte Moderna no Brasil”, A Galeria, São Paulo.

Coletiva, A Galeria, São Paulo.

Texto e ilustração para *Nureyev*, Editora Sabiá, Rio de Janeiro.

1973

Exposição conjunta com o artista Ramiro Bernabó, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Jorge Amado e os Artistas de Teresa Batista Cansada de Guerra”, AMI Galeria de Arte, Belo Horizonte.

Participação na XII Bienal de São Paulo, Sala Especial em homenagem a Tarsila do Amaral, Flávio de Carvalho e Maria Martins.

Coletiva “150 Anos de Pintura na Bahia”, Museu de Arte Moderna da Bahia.

Medalha de Ouro da “1ª Exposição de Belas Artes Brasil/Japão”, Tóquio, Atami, Osaka, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Exposição individual, A Galeria, São Paulo.

Ilustração do livro *A Incrível e Triste História de Cândida Erendira e Sua Avó Desalmada*, de Gabriel Garcia Márquez, Editora Record, Rio de Janeiro.

1974

Coletiva “Artistas Plásticos da Bahia”, Centenário do *Diário de Notícias*, Salvador. Participa do I Salão de Arte do Clube de Engenharia da Bahia, Salvador.

Texto e ilustração para *Visitações da Bahia, Xilografias*, Editora Onile, Bahia.

1975

Coletiva “2ª Exposição de Arte Brasil/Japão”, Tóquio, Atami, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília.

Exposição conjunta com Aldemir Martins, Mini Gallery, Rio de Janeiro.

1976

Exposição individual na Pousada do Convento do Carmo, Salvador.

Exposição conjunta com Luis Pretti, Galeria Grifo, São Paulo.

Executa duas esculturas em bronze para o *hall* da Sala VIP do Aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado, Editora Record, Rio de Janeiro.

Recebe o título de Cavaleiro da Ordem do Mérito da Bahia.

1977

Coletiva “3ª Exposição de Belas Artes Brasil/Japão”, Tóquio, Osaka, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Coletiva, Galeria Grossman, Salvador.

Coletiva, Banco da Bahia Investimentos, São Paulo.

Diploma de “Honra ao Mérito Espiritual”, Xangô das Pedrinhas, ao Obá de Xangô do Axé Opô Afonjá.

Participa do III Concurso Nacional de Artes Plásticas, Caixa Econômica de Goiás, Goiânia.

Ilustração do *Poema de Feira de Santana*, de Godofredo Filho, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador.

Viagem aos Estados Unidos, Egito, Turquia, Índia, Ceilão, Singapura e Peru.

1978

Ilustração de *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, Edições Alumbamento.

Escultura “Oxossi”, em concreto, 3 x 2 metros, parque da Catacumba, Rio de Janeiro.

1979

Coletiva ao ar livre, Parque da Catacumba, Rio de Janeiro.

Ilustração do livro *Sete Lendas Africanas da Bahia – Xilogravuras*, Editora Onile. Viaja para Inglaterra.

1980

Coletiva, Galeria Bonino, Rio de Janeiro.

Exposição individual, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Onze Artistas da Bahia”, Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Participa da “Semana da Bahia”, Cassino Estoril, Lisboa.

Coletiva “Pintores Baianos”, Dakar, Senegal.

Participa da “13ª Exposição de Arte Contemporânea”, Chapel Art Club, São Paulo.

Coletiva, Bistrô do Luiz, Salvador.

Coletiva “Gravuras da Coleção Antonio Celestino”, Fundação Museu Carlos Costa Pinto, Salvador.

Cenografia e figurinos para o ballet “Quincas Berro D’Água”, Teatro Municipal, Rio de Janeiro.

Menção Honrosa da Gazeta da Bahia – Turismo S/A.

Prefácio para *Retratos da Bahia*, de Pierre Verger, Editora Corrupio, Salvador.

Viaja para Portugal e Dinamarca.

1981

Exposição individual no Cassino Estoril, Lisboa.

Publica, depois de 30 anos de pesquisas, *Iconografia dos Deuses Africanos no candomblé da Bahia*, Editora Raízes.

Ilustração do livro *Cipó*, Editora Raízes.

Viagem a Portugal, Espanha e Egito.

1982

Participa da Semana Afro-Brasileira, Porto Alegre.

Exposição individual, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Três Artistas da Bahia”, Casa Thomas Jefferson, Brasília.

Ilustração “Gabriela” nos bilhetes da Loteria Federal nº 1847.

Recebe o Título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

1983

Exposição individual “Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia”, The Caribbean Cultural Center, Nova York.

Coletiva no Brazilian-American Cultural Institute, Washington D.C.

Coletiva “Artistas Amigos do Bistrô do Luiz”, Salvador.

Coletiva, Bahiarte Galeria, Londrina.

Viaja para o Equador e Estados Unidos (Nova York).

Executa painel para a embaixada Brasileira em Lagos, Nigéria.

1984

Exposição individual no Museu Nacional de Las Culturas, México.

Participa do IX Salão de Arte de Ribeirão Preto.

Exposição individual, Philadelphia Arts Institute, EUA.

Exposição individual, Galeria de Arte André, São Paulo.

Exposição individual, Escritório de Arte da Bahia, Salvador.

Coletiva “Influência de Mãe Menininha na Cultura Baiana”, Museu de Arte da Bahia.

Exposição individual, A Galeria, São Paulo.

Coletiva “Artistas da Bahia”, Fundação Edson Queiroz – Universidade de Fortaleza, Ceará.

Ilustração de um capítulo de *Tocaia Grande*, de Jorge Amado – *Revista Status*, nº 121.

Escultura “Homenagem à Mulher Baiana”, bronze, 3,30m, Shopping Center Iguatemi, Salvador.

Medalha do Mérito Castro Alves, Bahia.

Comenda Jerônimo Monteiro no Grau de Cavaleiro, Espírito Santo.

1985

Exposição individual, Escritório de Arte da Bahia, Salvador.

Cenografia e figurinos para a ópera “La Bohème”, Teatro Castro Alves, Salvador.

Cenografias e Figurinos para o balé “Gabriela”, Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Coletiva “Arte Bahia”, Galeria 2000, San José de Porto Rico.

Ilustração de *Lendas Africanas dos Orixás*, texto de Pierre Verger, Editora Corrupio, Salvador.

Viagem ao Peru, Filipinas, Japão, Java, Sumatra, Borneo, Singapura, Hong-Kong e Beijim.

1986

Exposição de 39 desenhos da Coleção Recôncavo, Museu de Arte da Bahia.

Coletiva de Artistas Baianos, Casa da Manchete, Brasília.

Exposição Retrospectiva (1936–1986), Núcleo de Artes do Desembanco, Salvador Bahia.

1987

Exposição coletiva “Modernistas Baianos”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

Ilustração do livro *O Sumiço da Santa*, de Jorge Amado, Editora Record, Rio Janeiro.

1988

Mural para o edifício Mansão Pedro Calmon, Salvador, Bahia.

Murais para o Memorial da América Latina, São Paulo.

1989

Lançamento do livro *Carybé*, produzido por Bruno Furrer, com apoio da Odebrecht, sobre toda a obra do artista.

Exposição comemorativa dos 22 anos da A Galeria, São Paulo.

Exposição na Galeria de Arte do Cassino do Estoril, Portugal.

1990

Exposição conjunta com Pierre Verger dos originais do livro *Iconografia dos Deuses africanos no Candomblé da Bahia*, Casa França Brasil, Rio de Janeiro, e Memorial da América Latina, São Paulo.

Exposição coletiva de ilustrações de autores sulamericanos da Editora Fondo de Cultura Económica do México, em São Paulo.

1991

Exposição coletiva de artistas baianos, Galeria de Arte do Shopping Center Fashion Mall, Rio de Janeiro.

Escultura para residência do Sr. Ricardo Heagler, Rio de Janeiro.

Exposição na Casa de Cultura Encol, Salvador.

1992

Exposição coletiva “Jorge Amado e as Artes Plásticas”, Museu de Arte da Bahia.

Coletiva em comemoração aos 80 anos de Jorge Amado, Anarte Galeria.

Coletiva no Internationales Sommertheatre Festival, Hamburgo

Coletiva de 10 painéis pertencentes ao Banco da Bahia, Centro Georges Pompidou, em comemoração aos 80 anos de Jorge Amado.

Quadro “São Sebastião”, óleo sobre tela, Museu do Vaticano.

1993

Exposição individual, Galeria de Arte do Casino do Estoril, Portugal.

Exposição de quatro artistas brasileiros, 20 anos da Bahiarte, Londrina.

Exposição individual Arte Bahia, Hotel Sofitel, Salvador.

1994

Exposição Escritório de Arte da Bahia.

1995

Exposição individual itinerante de gravuras realizadas nas seguintes galerias: São Paulo: Casa das Artes Galeria, Artebela Galeria de Arte, Galeria Documenta, Documenta Lar Center.

Campinas: Croqui Galeria de Arte.

Curitiba: Fraletti Rubbo Galeria de Arte.

Belo Horizonte: Nuance Galeria de Arte.
Foz do Iguaçu: Ita Galeria de Arte.
Porto Alegre: Bublitz Decaedro Galeria de Arte.
Cuiabá: Só Vi Arte Galeria.
Goiânia: Época Galeria de Arte.
Fortaleza: Casa D' Arte.
Salvador: Oxum Casa de Arte.

1996

Desenhos para Vinhetas da TV Educativa de Salvador - IRDEB.
Exposição individual na Casa de Galícia - Xunta de Galícia, Madri.

1997

Mural em grades de ferro, Museu de Arte Moderna, Salvador.
Mural de concreto, Museu de Arte Moderna, Salvador.
Mural em grades de ferro para a Praça da Piedade, Salvador.
Morre o artista em 1 de outubro no Terreiro Axé Opô Afonjá.

2000

Exposição de várias obras no Museu de Arte Moderna de São Paulo, por ocasião da comemoração dos 500 Anos do Brasil.
Inauguração da Roberto Alban Galeria de Arte, com exposição de quadros e vinis do acervo do galerista e da família.

2001

Inauguração do mural em mosaico veneziano copiado de uma gravura do artista, no navio Costa Marina, da companhia italiana Costa Croceira.

2002

Exposição no Espaço Alfa Romeu de São Paulo de desenhos de caráter humorístico realizados num cruzeiro a bordo do navio Eugênio Costa.